

MULHERES MISSIONÁRIAS

Leonério Faller

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, obviamente, não visa esgotar o assunto, pois o mesmo é muito vasto. Mas queremos observar um pouco na história da Igreja Cristã a participação da mulher (solteira e casada) no trabalho missionário e ver como no presente e no futuro elas poderão continuar ajudando.

Este trabalho tem um objetivo prático: iniciar na Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), denominação da qual fazemos parte, uma reflexão sobre a possibilidade de formar nas escolas oficiais e dar oportunidade para “missionárias solteiras” ou casadas trabalharem nas igrejas locais ou em campos de missão.

Para isto, vamos também observar a participação da mulher na The Lutheran Church – Missouri Synod (EUA – denominação que fundou a IELB), a participação na IELB e os cursos que as escolas oficiais oferecem também para mulheres. Aí, vimos a necessidade de fazer uma rápida fundamentação teológica sobre o ministério pastoral.

Assim, análise histórica e fundamentação teológica nos ajudarão a chegar a algumas propostas práticas.

I. A Participação das Mulheres na Igreja

Tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento falam favoravelmente de mulheres no serviço de Deus, citando, por exemplo, Miriam (Êx 2.3-10), Ester, Noemi e Rute, Ana (Lc 2.36-38), Maria Madalena (Mt 28.1), Maria e Marta (Lc 10.38-42), Lóide e Eunice (2Tm 1.5), Priscila (At 18.2, 18, 26), Lídia (At 16.4-16, 40). Estas e outras mulheres da Bíblia exerceram grande influência no serviço do Senhor.

Vejam a participação da mulher em geral no trabalho da igreja através dos séculos.

1. Participação em geral

Nos primeiros séculos, mulheres cristãs ajudaram a socorrer outros cristãos que passaram por sofrimentos, perseguições e martírios. Mulheres como Mônica, mãe de Agostinho, com suas orações e esforços dedicados prepararam homens para dedicarem suas vidas a Cristo.

Também na era pós-reforma, mulheres cristãs tiveram influências de várias maneiras. A Condessa de Zinzendorf e Susana Wesley (mãe de João e Carlos Wesley) tiveram importância decisiva.

No século XVIII encontramos o nome de Bárbara Ruckle Heck denominada “mãe do metodismo na América”. Também Ana Marshman que levou o evangelho ao norte da Índia e em 1800 dedicou-se à educação feminina.¹

Na metade do século XIX e depois, mulheres foram uma grande força na proclamação do evangelho às mulheres na Índia. Em 1869 foi estabelecido o primeiro hospital para mulheres nesse país. Dr^a. Clara N. Swain, metodista americana, é considerada a primeira médica missionária.²

Estes poucos relatos podem ser multiplicados muitas vezes em várias partes do mundo como um testemunho do heróico trabalho de mulheres em missões. Na Lutheran Cyclopedia lemos que “during these earlier centuries women served the church as individuals, each in her own way. They become *stimuli* for women to organize for missions”.³

2. As mulheres se organizam para a missão

Após a Guerra da Revolução (*Revolutionary War*) vários grupos de mulheres cristãs nos Estados Unidos organizaram-se para levantar ofertas para missões nacionais e estrangeiras. Um dos primeiros grupos foi de mulheres Quakers. Em 1800 em Boston organizaram-se mulheres Batistas. Em 1801 foi a vez das Presbiterianas e em 1819 das Metodistas.⁴

Assim muitas organizações de mulheres formaram-se para apoiar missões. Não tinham nenhum precedente pelo qual pudessem se nortear. Elas desenvolveram suas próprias idéias, dedicaram-se muito à oração e creram que o Espírito Santo as guiaria. “Sua lealdade a Cristo e às missões,

¹ LUTHERAN CYCLOPEDIA. Erwin L. Lueker, ed., 1975; p. 823;

² Ibid., p. 823;

³ Ibid., p. 823;

⁴ Ibid., p. 823;

em oração e estudo da Bíblia, é um exemplo para mulheres cristãs também de nossos dias.”⁵ [Tradução.]

Foram surgindo inúmeras sociedades missionárias femininas interdenominacionais ou independentes. Em 1890 havia 34 sociedades femininas ligadas à missão que oravam por missões, levantavam ofertas para missões, enviavam missionárias e as sustentavam. No final do século passado a força missionária americana contava com 60% de mulheres. Com o passar do tempo estas sociedades missionárias interdenominacionais foram desaparecendo e dando lugar para as sociedades missionárias denominacionais.⁶

3. A organização das mulheres luteranas americanas

No meio luterano dos Estados Unidos sabemos que em 1837 numa conferência em Nova York do Sínodo Germânico da Igreja Luterana estando os maridos presentes, as mulheres foram incentivadas a se organizarem para ajudar na formação de missionários. Como resultado formou-se a “Associação Feminina do Sínodo de Hartwick para a Educação de Missionários Estrangeiros”.⁷

A partir de então, muitas organizações femininas americanas para ajudar na obra missionária foram se formando no seio das Igrejas Luteranas. Alguns exemplos: em 1882 as mulheres da Igreja Luterana Augustana decidiram se organizar para “awaken a greater interest for missions and a more general support of the same”⁸ dentro e fora do país. Logo após a organização da Igreja Luterana Unida na América em 1918, organizou-se também a Sociedade Missionária de Mulheres. Porém, já antes desta data, a partir de 1908 foi se organizando o “Danish Women’s Mission Fund” para auxiliar pastores jovens e pequenas congregações, e cultivar o amor pelas missões.⁹

⁵ Ibid., p. 823;

⁶ Anotações em classe no curso de História da Expansão Missionária da Igreja com a professora Dr^a Joyce Every-Clayton, CEM, jul/96;

⁷ LUTHERAN CYCLOPEDIA, p. 823;

⁸ Ibid., p. 824;

⁹ Ibid., p. 824;

No ano de 1942, foi organizada na “The Lutheran Church – Missouri Synod” a “Lutheran Women’s Missionary League”. Mas, sobre esta organização feminina luterana falaremos no capítulo seguinte.

Portanto, desde o século passado mulheres cristãs americanas de várias denominações organizaram-se com o grande objetivo de promover missões nacionais e estrangeiras – conscientizando, orando, ofertando, ajudando a formar profissionais e missionários para os campos de missão, enviando missionários e muitas missionárias. De modo que, mulheres cristãs americanas além de darem suporte para missões, tiveram entre elas inúmeras jovens que se envolveram em missões pelo mundo a fora e foram grandes bênçãos de Deus para a expansão do evangelho.

II. Biografias de Missionárias Solteiras

No século XIX, embora a sociedade fosse contrária à idéia de mulheres solteiras trabalharem em campos missionários, havia homens que as julgavam necessárias, e “a partir de 1820, mulheres solteiras começaram a trabalhar para missões estrangeiras”.¹⁰

No ano de 1861, havia apenas uma missionária no estrangeiro. Cinquenta anos depois o número subira para “800 professoras, 140 médicas, 380 evangelistas, 79 enfermeiras diplomadas, 578 diaconisas e ajudantes nativas”.¹¹

As mulheres saíam-se bem em quase todas as atividades, principalmente na medicina, na educação e na tradução da Bíblia. Hert Kane afirma: “Quanto mais difícil e perigosa a tarefa, maior número de mulheres em proporção ao de homens”.¹²

Quais as motivações que impulsionavam mulheres solteiras ao ponto de deixarem suas famílias e sua pátria para viverem a solidão, as dificuldades e os sacrifícios da vida missionária?

1. O amor de Deus as motivava a querer servi-lo. Porém, queriam fazê-lo de tempo integral e só havia oportunidade nos campos missionários no exterior.

¹⁰ TUCKER, Ruth A. “...E até aos confins da terra”. São Paulo: Vida Nova, p. 245;

¹¹ Ibid., p. 246;

¹² Ibid., p. 248;

2. O campo missionário era o único meio de dar oportunidade para aquelas que desejavam trabalhar de tempo integral na igreja cristã. O serviço de proclamar a Palavra era considerado atividade masculina. Algumas que no século passado foram para os campos de missão o fizeram enfrentando muita oposição. Uma, Florence Nightingle, que muito desejava ir e não pode, disse: “Eu teria dado a ela (igreja) minha cabeça, minhas mãos, meu coração. Mas não os aceitou”.¹³
3. O campo missionário dava condições para aventura e estímulo. Enquanto os homens podiam aventurar-se como soldados, marinheiros e exploradores, as mulheres tinham esta oportunidade nas missões.¹⁴

1. Lottie

Uma das primeiras mulheres solteiras a se entregarem ao trabalho missionário foi Charlotte (Lottie) Diggs Moon. “Até hoje é mencionada como a ‘santa padroeira’ das missões batistas”.¹⁵

Lottie Moon nasceu em 1840 na Virgínia e cresceu em Viewmont. Eram em sete irmãos, “todos fortemente influenciados pela fé persistente, pela ambição e independência de sua mãe, que enviuvou em 1852”.¹⁶ Tinha boa educação e cultura. Trabalhou como professora numa escola da Geórgia, “mas ansiava por um ministério cristão e por novas aventuras”.¹⁷ Em 1872 sua irmã mais nova, Edmonia, foi para a China como missionária e em 1873 Lottie a seguiu.

Mas devido a problemas de saúde, a irmã teve que voltar para casa. Lottie, então, passou por um período de depressão. Sentia-se frustrada no ministério devido à solidão, desapareceu o ideal romântico da obra missionária, “achava extremamente difícil identificar-se com o povo chinês e

¹³ Ibid., p. 247;

¹⁴ Ibid., p. 247;

¹⁵ Ibid., p. 248;

¹⁶ Ibid., p. 248;

¹⁷ Ibid., p. 249;

como professora considerava praticamente impossível penetrar suas mentes ‘embotadas’”.¹⁸

Começou a viajar pelas povoações rurais e por volta do ano de 1885, “concluiu que seu ministério seria mais eficaz se fosse a Ping-tu e começasse ali uma obra”.¹⁹ Queria trabalhar de tempo integral como evangelista e livrar-se da autoridade arrogante do diretor da missão.

A evangelização pioneira em Ping-tu foi extremamente difícil. “Só lentamente e com muita persistência é que consegui fazer amizade com as mulheres e mesmo assim não foi fácil atraí-las para o cristianismo, sem primeiro alcançar os homens”.²⁰

Quatorze anos após a chegada na China, 1887, Lottie começou pela primeira vez evangelizar chineses do sexo masculino, quando homens chegaram à sua casa em Ping-tu para ouvir mais sobre a ‘nova doutrina’ que as mulheres haviam lhes sussurado. Lottie visitou a vila deles e pela primeira vez viu tão grande interesse em aprender. Adiou novamente suas férias e escreveu à pátria: “Não pode haver certamente alegria maior do que salvar almas”.²¹ Apesar de oposição, estabeleceu ali uma igreja e dois anos depois, 1889, aconteceram os primeiros batismos por um pastor batista. Durante duas décadas houve crescimento sendo batizadas mais de mil pessoas.

Dos anos 1890 até sua morte em 1912, Lottie passava parte do ano nas povoações fazendo trabalho evangelístico e noutra parte passava em Tengehow treinando novos missionários, aconselhando mulheres e lia com prazer livros e revistas ocidentais. Escrevia muito procurando recrutar mulheres para o trabalho missionário. Para os Estados Unidos planejou em 1888 “uma semana de oração e uma oferta especial de Natal a ser preparada só por mulheres e dirigida exclusivamente às missões”.²²

Mais. Ruth Tucker acrescenta:

Ela também solicitou ‘mulheres fortes e vigorosas’ para encher as fileiras deixadas vazias pelos homens. A resposta

¹⁸ Ibid., p. 251;

¹⁹ Ibid., p. 251;

²⁰ Ibid., p. 252;

²¹ Ibid., p. 252;

²² Ibid., p. 253;

foi imediata... Nos anos que se seguiram, a oferta de Natal cresceu e foi possível enviar mais mulheres solteiras para servir na China.²³

Lottie morreu de inanição aos 72 anos. Nos anos que se seguiram,

a ‘Oferta de Natal Lottie Moon’ aumentou e a história de Lottie Mon foi repetida inúmeras vezes... Para as mulheres batistas do sul, Lottie se tornou um símbolo do que elas mesmas gostariam de fazer para Deus. Ela era um exemplo brilhante de feminilidade cristã e igualdade sexual.²⁴

2. Amy

Amy Carmichael tornou-se um exemplo brilhante para “as mulheres cristãs de todas as denominações no Reino Unido”.²⁵

Nasceu numa família rica da Irlanda do Norte em 1867. Quando estava com 18 anos seu pai morreu deixando a família em difícil situação financeira. Em Belfast pôde envolver-se no trabalho missionário urbano, fazendo com que os interesses espirituais se tornassem o centro de sua vida. Mas foi sua participação numa conferência bíblica interdenominacional, a qual enfatizou a ‘teologia da vida interior’, que “modificou sua vida e estimulou o seu crescimento espiritual”.²⁶

Quando sentiu-se chamada para missões, encontrou resistência da parte do presidente da Convenção Keswick, de quem era um tipo de filha adotiva.

Aos 24 anos foi para o trabalho missionário no Japão. Segundo Tucker,

Ela envolveu-se alegremente no trabalho, mas como acontecera com tantos missionários antes dela, encontrou decepções. A língua japonesa parecia-lhe impossível de dominar e a comunicação missionária não era o ambiente harmonioso que previra. Ela escreveu à mãe: “...somos

²³ Ibid., p. 253;

²⁴ Ibid., p. 253;

²⁵ Ibid., p. 254;

²⁶ Ibid., p. 254;

exatamente o que somos aí – nem um pouco melhores – e o diabo está terrivelmente ocupado... barcos missionários antes excelentes, hoje não passam de restos de naufrágios”. A saúde de Amy também se tornou um problema. Ela mais tarde confiou a Sherwood Eddy que “ficara com esgotamento nervoso durante o primeiro ano de... serviço, sofrendo, como fazem alguns estrangeiros, do que era chamado de cabeça japonesa”. “O clima”, escreveu à mãe, “tem um efeito terrível sobre o cérebro”.²⁷

Depois de trabalhar 15 meses no Japão, foi para o Ceilão e mais tarde para a Índia, onde “permaneceu por mais de 25 anos sem uma licença sequer”.²⁸

Em Dohnavar, Índia, dedicou-se a livrar crianças, especialmente de uma terrível degradação no templo pagão, onde vendiam meninas como prostitutas para serem ‘casadas com deuses’ e depois entregues aos hindus. Amy foi acusada de sequestro e ameaçada de morte. Mas com ajuda de mulheres indianas convertidas ao cristianismo, continuou o trabalho e 12 anos depois já tinha 130 crianças na Associação Dhonavur.

Por atender as crianças em suas necessidades físicas, de educação e de formação de caráter, foi criticada de não ser suficientemente evangelística. Ela se defendia dizendo que era preciso tratar da pessoa no seu conjunto – corpo e alma.

Passou por grande conflito quando ainda no Japão teve “de enfrentar a perspectiva de manter-se solteira o resto de sua vida”²⁹ Tranquilizou-se quando teve a certeza que Deus jamais a desampararia.

Acreditava que a Associação Dohnavur precisava de pessoas com tempo integral para serem mães e conselheiras espirituais das crianças. Organizou uma ordem religiosa protestante para mulheres solteiras denominada de ‘Irmãs da Vida Comum’.

Tucker, conclui:

²⁷ Ibid., p. 255;

²⁸ Ibid., p. 256;

²⁹ Ibid., p. 256;

Mesmo tendo passado seus últimos vinte anos como inválida, devido a uma queda, Amy continuou escrevendo livros e fazendo apelos a favor da causa de suas queridas crianças. Morreu no ano de 1951, em Dohnavar, aos 83 anos.³⁰

Observamos nestas missionárias e em todos os grandes homens de Deus que conflitos humanos e espirituais, e até depressão psicológica em muitos casos, fizeram parte da vida. Porém, pela graça e pelo poder de Deus puderam, apesar destes conflitos, realizar trabalhos significativos na obra missionária da Igreja Cristã.

III. A participação de mulheres do Sínodo de Missouri na missão

Queremos neste capítulo descrever um pouco a participação das mulheres da The Lutheran Church – Missouri Synod na missão. Desejamos falar desta denominação luterana americana devido ao fato de ter sido ela que em 1900 iniciou trabalhos no Brasil e deste trabalho resultou a fundação da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) em 1904, da qual fazemos parte.

Infelizmente não dispomos de literatura recente sobre o assunto para vermos como está atualmente a participação na missão de missionárias solteiras missourianas.

A The Lutheran Church – Missouri Synod foi organizado em abril de 1847 em Chicago por pastores e cristãos luteranos provenientes da Europa, especialmente da Alemanha. A partir de agora neste trabalho vamos usar a expressão resumida e aportuguesada “Sínodo de Missouri”.

1. Organização Missionária Feminina

A partir de 1928, foi fomentada a idéia de que os grupos de mulheres já existentes nas igrejas locais se organizassem visando unir esforços para apoiar trabalhos missionários. Em julho de 1942 foi organizada a Lutheran Women’s Missionary League. Esta Liga, que continua em plena atividade, desde o início mantém seu objetivo missionário descrito em dois itens:

³⁰ Ibid., p. 257;

- a. Desenvolver e manter uma consciência missionária entre as mulheres do Sínodo: Educação Missionária – Inspiração Missionária – Serviço Missionário.
- b. Levantar fundos para projetos missionários promovidos pelo Sínodo, especialmente para aqueles que não têm recursos suficientes no orçamento.³¹

O primeiro congresso da Lutheran Women's Missionary League foi realizado em 1943 em Fort Wayne. Estiveram presentes 73 delegadas representando as 36.890 senhoras luteranas ativas nas sociedades femininas das igrejas locais e escolheram como lema o Salmo 100.2: "Servi ao Senhor com alegria."³²

No passar dos anos esta Liga tem ajudado em projetos missionários como escolas, seminários, hospitais, construções de capelas e outros projetos ao redor do mundo com orações e ofertas. "The major programs are directed toward Christian growth and missionary service."³³

2. Associação de Diaconisas

Em 1919 foi organizada a Associação de Diaconisas Luteranas, que inicialmente esteve ligada ao Hospital Luterano de Fort Wayne. Em 1943 o treinamento de diaconisas foi transferido para a Universidade de Valparaiso.

Quanto à formação destas diaconisas, Mayer afirma:

At first the program was only one and one half years in length. Subsequently it was lengthened to two years. When, in 1946, the deaconess were required to take a full four year college program, the entire academic training of the women was placed in the hands of the university.³⁴

Desde o início o treinamento de diaconisas visava prepará-las para atuarem em enfermagem, em educação e em serviço social. A Lutheran Cyclopedia de 1975 traz que "though many deaconesses in various churches

³¹ BAEPLER, Walter A. A Century of Grace: A history of the Missouri Synod 1847-1947. 1947, p. 280;

³² Ibid., p. 280;

³³ Ibid., p. 280;

³⁴ MEYER, Carl S., ed. Moving Frontiers; Reading in the History of the Lutheran Church-Missouri Synod. 1964, p. 390;

serve in nursing, social welfare, institutional work, and *foreign missions*, a growing number are being trained to serve as assistants to parish pastors”.³⁵

3. Missionárias Solteiras na Índia e na China

Visando ter acesso mais rápido com o evangelho entre pagãos, missões médicas têm feito parte da estratégia missionária em países como Índia, Nigéria, Hong Kong, Nova Guiné e Filipinas por parte do Sínodo de Missouri.

Nessas missões tem havido uma participação importantíssima de enfermeiras missionárias solteiras. Neste tópico do capítulo vamos nos deter sobre missionárias solteiras missourianas em dois países: Índia e China.

Em 1913 o Sínodo de Missouri enviou à Índia a missionária enfermeira, solteira, Louise Ellermann, a qual foi a pioneira no trabalho missionário médico do Sínodo nesse país. Após sete anos de trabalho, Louise de férias nos Estados Unidos, faz à direção do Sínodo um relato sobre seu trabalho e pede que sejam enviados à Índia mais obreiros missionários (homens e mulheres) que também possam atuar na área da saúde.³⁶

Meyer, comentando sobre Louise, afirma:

We had only one missionary nurse in Índia 1920, Miss Louise Ellermann, now home on furlough, supported by women’s societies in our circles. She has given invaluable service to our missionaries in cases of sickness and in the last year prior to her furlough not only assisted 2,810 native patients in their physical needs but for their spiritual welfare also referred them by encouraging words and tracts to the one thing needful. We should have more such faithful women workers for our medical mission, but especially a missionary doctor, whether male or female.³⁷

Em 1921 o Sínodo estabeleceu um hospital em Ambur, Índia, sob a direção do Dr. Theodore J. Doerderlein. Neste mesmo ano foi enviada a jovem missionária enfermeira Angela Rewinckel. Fez um trabalho

³⁵ LUTHERAN CYCLOPEDIA. p. 223;

³⁶ MEYER, p. 337;

³⁷ Ibid., p. 337;

excepcional como enfermeira chefe e missionária até dezembro de 1958, quando voltou para os Estados Unidos com 76 anos. Em 1959 Angela recebeu uma homenagem especial pelo ‘Concordia Seminary’, que é um dos seminários do Sínodo nos Estados Unidos. Meyer conclui: “God has certainly permitted her to be a blessing to many through her chosen work”.³⁸

A partir de 1922 o Sínodo intensifica a força missionária na Índia. Em quase cada ano de 1922 a 1935 entre os missionários seguem também missionárias solteiras. Exemplos:

1922 – enfermeira Etta Herold e a professora Henrietta Ziegfeld;

1923 – dois missionários e a jovem missionária Gertrude Strieter;

1926 – as missionárias Anena Christensen e Louise Rathke e seis missionários;

1927 – seis missionários e as jovens missionárias Elsie Mahler, Clara Mueller e Meta Schrader;

1932 – dois missionários e as missionárias Amelia Docter e Ester Feddersen;

1935 – um missionário e uma missionária, Margaret Lutz.³⁹

Infelizmente não temos literatura mais recente disponível para obtermos informações a partir de 1935.

Beapler afirma que “for various reasons some of the missionaries could serve in India only a few years and then had to return to the States”.⁴⁰

O Sínodo não esperava trabalhar naquele país só com missionários americanos. Por isso, já em 1942 fundou um seminário teológico em Nagercoil a fim de preparar ministros indianos.⁴¹

³⁸ Ibid., p. 338;

³⁹ BAEPLER, p. 289;

⁴⁰ Ibid., p. 289;

⁴¹ Ibid., p. 289;

Em trabalho missionário na Índia o Sínodo envolveu missionários pastores, diaconisas, enfermeiras, como também professores-catequistas, evangelistas e mulheres de Bíblia (bible women). Baepler explica que:

Bible women are native female workers who are trained to meet the Indian women in their homes and to teach them the Word of God. They work under the supervision of the wives of our missionaries, nurses and deaconesses in the so-called zenana missions, that is missions to the female population of India.⁴²

Em julho de 1945 a igreja luterana indiana contava com 36 missionários e 4 missionárias, 20 pastores, 17 evangelistas, 152 catequistas, 10 mulheres de Bíblia, 264 professores e professoras, 2 médicos indianos, 5 enfermeiros e 5 enfermeiras. Eram 210 igrejas locais e 66 pontos de ensino e pregação. Eram 19.503 membros batizados e 5.211 comungantes.

O trabalho missionário na China foi iniciado pelo Sínodo de Missouri em 1917. Dos anos 1922 a 1943 foram enviados à China 34 missionários, estando entre esses 1 médico, 2 professores e 5 jovens missionários. Essas foram em:

1923 – as jovens missionárias Frieda Oelschlaeger e Marie Oelschlaeger;

1924 – a jovem Martha Naden;⁴³

1926 – a jovem Gertrude Simon;

1931 – a jovem Clara Rodenbeck.⁴⁴

Em 1937 a estatística do trabalho do Sínodo de Missouri na China era a seguinte: 16 congregações organizadas, 36 pontos de pregação, 17 missionários e 2 missionárias, 53 obreiros nacionais, 2.589 membros.⁴⁵

No ano de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, missionários missourianos e suas famílias foram mandados de volta para os Estados Unidos. Na China ficaram apenas 4 missionários. Mas logo após a guerra

⁴² Ibid., p. 289-290;

⁴³ Ibid., p. 292-293;

⁴⁴ Ibid., p. 293-294;

⁴⁵ Ibid., p. 295;

novamente foram enviados inúmeros obreiros: 15 missionários, 1 médico, 2 enfermeiras.⁴⁶

Sem sombra de dúvida, a atuação de missionárias solteiras luteranas missourianas – enfermeiras, professoras, diaconisas, etc – teve um papel importantíssimo nas missões da Índia e China. É admirável e motivo de agradecer a Deus o fato de, por exemplo, a missionária enfermeira Angela Rewinkel gastar na missão estrangeira a maior parte de sua vida profissional. É um exemplo a ser imitado.

IV. A participação de mulheres da IELB na missão

A igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), a segunda maior denominação luterana no país, com 214 mil membros e presente em todos os Estados brasileiros, foi fundada em 1904 sob a liderança de missionários americanos da The Lutheran Church – Missouri Synod.

1. A posição da mulher na IELB

A exemplo da denominação que a fundou, a IELB também não ordena mulheres ao ministério pastoral, ou seja, não tem pastoras. Entende que:

como pessoas, homens e mulheres são iguais. Sua função, no entanto, é diferente... A mulher tem uma função que é só dela: ser mãe (1Tm 2.15). O homem tem uma função que é só dele: a ‘didaskalia’ (a autoridade no ensino, 1Tm 2.12), isto é, a função de cabeça no Ofício da Palavra. Ambos, homem e mulher, têm responsabilidades tanto na família humana como na família de Deus. Apenas a função é diferente. No Ofício da Palavra a mulher também tem a responsabilidade de profetizar..., ficando qualificada como dom de Deus à Igreja para ser profeta e evangelista (Ef 4.11). O dom de pastores-mestres (poiménas-didaskálous, Ef 4.11) tem a reserva do kefalê (cabeça), conforme 1Tm 2.12. A liderança do Ofício da Palavra permanece com o homem, com o ministro-pastor, o homem-kefalê, designado por Deus.⁴⁷

⁴⁶ Ibid., p. 296-297;

⁴⁷ PARECERES DA CTRE da IELB. A mulher na Igreja. 1995, vol. I, p. 25;

O Dr. Seibert, analisando “O papel da mulher na igreja” em um artigo na revista Vox Concordiana, afirma:

Entre as qualificações que Deus revelou para alguém entrar no ministério eclesiástico, uma é ser homem (1Tm 2.12-14) ...Exercer o ministério eclesiástico implica em desempenhar muitas funções. O ministro prega a palavra, o ministro ensina, batiza, administra a Santa Ceia, testemunha, consola, ampara, dirige o culto público e assim por diante. Exercer o ministério não significa que o ministro seja a pessoa que desempenha todas estas funções. Aí todos os membros da igreja participam auxiliando o seu ministro eclesiástico para que todas as funções do ministério exlesiástico sejam bem desempenhadas. Os membros da congregação participam do ministério auxiliando no ensino, no testemunho, na adoração, na comunhão, no serviço. ***Permanece, no entanto, como responsável pelo ministério eclesiástico a pessoa do ministro.*** Esta é a razão porque ***numa congregação (igreja local) não é apenas a pessoa do ministro que precisa pregar, lecionar escola bíblica, visitar os enfermos e os necessitados*** e assim por diante. ***Embora estas funções sejam responsabilidade do ministro, todos os cristãos, homens e mulheres, podem participar das mesmas.***⁴⁸

Mais adiante, o Dr. Seibert esclarece mais:

Assim, homens e mulheres podem ajudar o ministro de sua igreja testemunhando, ensinando crianças, jovens e adultos, amparando aos necessitados, promovendo comunhão e adoração e assim por diante. Participar das funções do ministério não implica em ser ministro... O fato de alguém homem ou mulher dirigir um estudo bíblico não torna esta pessoa um ministro da igreja... Assim sendo, não nos parece

⁴⁸ REVISTA VOX CONCORDIANA – Suplemento Teológica: São Paulo, 1989, vol. I, p. 46;

impróprio uma mulher dirigir um estudo bíblico para a congregação (igreja local).⁴⁹

Daí deduzimos que: nada impede de mulheres solteiras ou casadas serem evangelistas ou missionárias na IELB:

- desde que haja, perto ou à distância, um pastor que seja a autoridade no ensino sobre a evangelista ou a missionária;
- desde que não administre a santa ceia nem celebre o batismo (a não ser em caso de emergência, já que temos o batismo infantil).

Portanto, nas atividades ligadas ao ensino da Palavra que fazem parte das tarefas no sacerdócio universal de todos os crentes, as mulheres estão livres para servir ao Senhor.

2. Organização missionária feminina

Apesar de a IELB não ordenar “pastoras”, moças e mulheres casadas têm tido um envolvimento cada vez maior nas atividades da igreja (denominação) há mais de 50 anos. Tem sido um envolvimento progressivo: reunião nos departamentos femininos da igreja local para estudo bíblico, cooperar na obra da missão principalmente com orações e ofertas, praticar a caridade, visitar doentes, ornamentar o altar com flores e embelezar o recinto para os cultos, ser professoras em escolas paroquiais, ser professora de escola dominical infantil e de escola bíblica missionária; mais tarde, votar e ser votada nas assembleias das igrejas locais, fazer parte da diretoria das igrejas locais e até do conselho diretor da denominação.

Oito anos após a fundação da Lutheran Women’s Missionary League nos Estados Unidos, ou seja 1950, foi fundada no Brasil a Liga de Senhoras Luteranas do Brasil como entidade auxiliar na IELB, a qual tem como objetivo a “missão”. Durante esses anos a Liga tem orado, ofertado, incentivado envolvimento de cristãos luteranos, homens e mulheres, em missões. Com suas ofertas, por exemplo, têm ajudado na construção de capelas em missões no Brasil, doando folhetos evangelísticos e material didático para escolas bíblicas missionárias, como também tem ajudado a custear a formação de diaconisas e pastores nos seminários da denominação.

⁴⁹ Ibid., p. 47;

3. Missionárias solteiras

Com a criação dos Centros Integrados de Missão (CIM) da IELB nos anos 80 em cidades do norte e nordeste do Brasil especialmente, foram necessários profissionais de educação, de administração e de serviço social para desenvolver atividades sociais e a missão. Através da revista oficial – Mensageiro Luterano – e dos pastores, os Departamentos de Missão e de Ação Social da IELB solicitaram profissionais (médicos, dentistas, enfermeiras, administradores, professores, etc), cristãos luteranos consagrados ao Senhor de ambos os sexos para atuarem naqueles campos.

Em 1977, este projeto começou a ser colocado em prática e um bom número de cristãos leigos (homens, mulheres, rapazes e moças) aceitaram o desafio.

A maioria que atendeu ao chamado foi de moças. Apesar de não terem formação missionária acadêmica, neste trabalho vamos chamá-las de “missionárias” considerando que estiveram diretamente envolvidas no trabalho missionário. Várias eram diaconisas formadas pelo Instituto Concórdia de São Leopoldo, RS, uma das escolas centrais da IELB.

Já que pouquíssimo foi escrito sobre este projeto, decidimos fazer uma pesquisa de campo. Preparamos dois questionários – um para dois líderes da IELB que por alguns anos ajudaram a coordenar o projeto (no trabalho vamos designá-los apenas de “líderes”) e outro para mulheres que no passado participaram deste importante trabalho. Este último enviamos para quatro mulheres – que por ocasião da participação no projeto eram solteiras, atualmente uma é solteira e três são casadas. Vamos conservar o anonimato dos entrevistados.

A seguir vamos discorrer sobre estas “missionárias solteiras”, a experiência que tiveram, tendo por base os questionários recebidos. Procuraremos fazer uma análise e apresentar algumas propostas para a IELB. Seria bom que alguém outro fizesse uma pesquisa mais ampla com as demais jovens que participaram do projeto e com os pastores com quem trabalharam.

A formação acadêmica destas quatro jovens moças antes de partir para o campo missionário era: magistério, secretariado, nutrição e serviço social.

As motivações que as impulsionaram a deixar suas famílias e irem para bem longe num projeto inédito na IELB foram “vontade de servir ao Senhor”, “muita vontade de dedicar-me ao trabalho missionário da IELB”, “possibilidade de incentivar”, ou melhor, “iniciar um trabalho na concepção de trabalho social dentro da IELB”, “conhecer novas realidades e tentar viver melhor com outras pessoas a partir do amor que Cristo tem por mim”, “dificuldades no relacionamento familiar”, “necessidade de auto-afirmação” e “de início curiosidade e depois o desejo de vencer desafios.”

Da parte da liderança dos Departamentos da denominação não foi dado nenhum treinamento missionário preparatório. Apenas houve uma entrevista com o secretário de Missão e com o presidente da IELB, quando era combinado sobre o tempo que a jovem ficaria no campo, honorários, moradia, trabalho a realizar, etc. A maior parte dos detalhes era tratado com o pastor do campo. Aliás, algo positivo era que cada local tinha um pastor residente para coordenar o trabalho.

Atuaram como professoras de matérias seculares nas escolas das missões, dirigentes de reuniões de orientação às mães, professoras de escolas bíblicas missionárias, dirigentes de estudos bíblicos, dirigentes no trabalho com jovens, dirigentes de coral, visitas missionárias.

As atividades em que se sentiram melhor e mais felizes em realizar foram: lecionar, dirigir escola bíblica infantil e estudos bíblicos familiares, visitas missionárias e coordenar reuniões de mobilizações para resolver problemas vividos pelas pessoas.

Cada uma das entrevistadas respondeu que o pastor da missão fazia reunião de planejamento. Porém, só “às vezes” os pastores faziam momentos devocionais com elas. No entanto, sentiram nos pastores “uma imensa vontade de estar ao nosso lado assessorando e até mesmo ajudando materialmente o grupo”. Uma escreveu que “meu pastor foi muito amigo, mas de certa forma sentiu-se um pouco enciumado com o trabalho que eu fazia fora das aulas junto às famílias dos alunos como devoções e estudos bíblicos. No início não gostou. Achou que estávamos querendo formar um ‘partido’...Fui realmente para evangelizar mais do que simplesmente dar aulas. Aproveitava toda folga para estar com as pessoas e transmitir o amor de Deus. Depois tivemos uma reunião onde deixamos claro que apenas queríamos trabalhar para o reino de Deus.”

Ao perguntarmos aos ‘líderes’ sobre como o pastor que trabalha com outros obreiros nas Frentes de Missão pode ajudá-los, responderam: “Precisa dar apoio logístico, espiritual, entusiasmo e que saiba ser pastor”. “Precisa reciclar-se para trabalhar em equipe. Um ministério compartilhado não pertence à nossa tradição. Para poder prestar ajuda, o pastor precisa conhecer melhor as outras funções e trocar idéias com os demais obreiros. Deve ser um dos membros da equipe e não o chefe ou dono da missão”.

A respeito do projeto e do relacionamento entre pastores e obreiros auxiliares, uma entrevistada concluiu: “Acredito que, por ser um projeto novo na IELB, ninguém estava preparado. Tanto o pastor quanto eu e demais pessoas que se envolveram foram aprendendo na prática”.

Na questão “quais as vantagens de ser solteira para um trabalho em Frentes de Missão?” todas responderam: mais disponibilidade de tempo para dedicar-se ao trabalho. Quanto às desvantagens vêm principalmente a solidão (“falta do apoio familiar e do carinho nas horas difíceis”), discriminação (“muitas vezes você é vista como uma pessoa aventureira ou leviana. Isto ocorria muito na época devido às jovens que participavam do Projeto Rondon e muitas tinham vida bastante desregrada. Por extensão, as missionárias também ‘deveriam ser assim’”), “muitos convites do mundo” e “a gente precisa aprender a dar conta de muita coisa sozinha”.

Porém, todas concordam que tiveram vantagens espirituais, psicológicas e afetivas: mais estudo da Bíblia e oração, mais tempo para evangelizar, oportunidade de ser mais útil a Deus e ao próximo, conhecer muitas pessoas e outras culturas, amadurecimento, “aprendi a ser mais gente”.

A solidão era mais sentida em ocasiões de datas especiais (páscoa, natal, dias dos pais e das mães) e quando o trabalho não tinha o progresso desejado. Mas experimentaram que a solidão é possível de ser superada “envolvendo-se muito no trabalho e fazendo muita amizade com pessoas cristãs do local”, “criando um círculo de pessoas que tenham com você coisas em comum”, “conscientizando-se da tarefa que Deus lhe incumbiu e saber que Ele não lhe abandona” e através da oração.

Um fator que às vezes pode ajudar ou atrapalhar o ânimo é a questão “moradia”. Sobre o tipo de moradia ideal as missionárias têm opiniões

diferentes. Duas preferem morar com outras colegas, uma prefere morar com a família da missão e outra morar sozinha. Sugestão: talvez nos dois primeiros meses a candidata devesse morar onde a missão puder oferecer, mas depois poderia ser dada a oportunidade de a missionária escolher onde prefere residir.

Uma das que trabalhou por 10 meses e estava com 18 anos na época, respondeu o seguinte sobre moradia: “Ficamos numa casa com cinco professoras. Foi difícil, pois cada uma vinha de uma região diferente, com costumes diferentes, valores e hábitos diferentes. Tivemos muitos atritos por ser uma turma muito nova. Mas mesmo assim valeu a experiência”.

4. Reativar ou intensificar este projeto?

Atualmente, poucos luteranos leigos do sul ou sudeste estão trabalhando nas frentes de missão do norte e nordeste. Ao perguntarmos aos líderes porque diminuiu o número de participantes neste projeto, responderam: “O esvaziamento dos Centros Integrados de Missão por parte dos sucessores na administração nacional”, “mudança na direção da igreja nacional, há excesso de pastores, não há verbas, falta de visão missionária”.

Os dois líderes concordam que ‘vale a pena’ a direção da IELB reativar ou intensificar este projeto. “Jamais deveria ter sido interrompido”. Das moças missionárias, três acham que a IELB deveria voltar a enviar jovens para ajudar nas Frentes de Missão. Uma acha que seria “mais frutífero se fossem enviados casais”.

Para este projeto funcionar melhor, segundo os líderes, “a IELB primeiro precisa saber o que ela quer e tomar decisões a longo prazo. Não deve ficar a mercê das idéias boas ou desastrosas, de cada novo presidente ou secretário de missão ou missionário. Deve preparar seus obreiros de forma específica para a missão integral em determinada região e igualmente os obreiros dos outros ministérios”. “Dar apoio aos voluntários, valorizar tal trabalho”. Duas missionárias afirmam que a IELB deveria primeiro definir de forma clara sua concepção de missão. Mas além disso, junto com as demais, afirmam que deve haver curso de treinamento para os candidatos antes da partida para o campo, ser apresentado a eles “um perfil de candidato” para os mesmos terem condições de melhor decidir, haver

encontros mais seguidos entre os missionários dos vários campos para maior entrosamento e troca de experiências.

As entrevistadas responderam que aconselhariam alguém a participar de um trabalho como elas fizeram. Apresentariam como razões “o crescimento espiritual, emocional e psicológico”, “é uma oportunidade de servir a Deus” e “de conviver com outras realidades”, “é uma experiência incalculável por mais difícil que seja”.

No caso de um treinamento preparatório aos candidatos, as missionárias foram unânimes que é preciso ser treinado em evangelismo prático. Além desta matéria sugerem antropologia cultural (para diminuir o “susto” cultural e saber respeitar a cultura local), relações humanas, administração de recursos humanos e materiais. Um dos líderes sugere: doutrina, conhecimentos básicos de enfermagem, aconselhamento (questões de família, vícios, etc).

Rapazes e moças missionários são importantes e necessários, opinam os líderes. Um argumenta que “solteiros geralmente são jovens e jovens têm entusiasmo, vontade de aprender e levam para o resto da vida e para onde forem esta experiência”. O outro líder lembra que sendo solteiros, “o investimento financeiro é menor. Mas de preferência deviam ser obreiros casados. Solteiros, depende da idade. Missão não é convescote”. Porém, as vantagens de serem missionárias solteiras ou mesmo casadas, principalmente para o nordeste, é a “receptividade para contactar elemento feminino evitando desconfianças por parte dos maridos e dos pais”.

V. O que está sendo feito na IELB

Gostaríamos de destacar algo muito positivo que está acontecendo na IELB para formação de obreiros. São os cursos de diaconia e de teologia por extensão através da Escola Superior de Teologia (EST) situada na cidade de São Paulo. Mais de 200 alunos de diversas partes do Brasil estão inscritos e cursando.

1. Curso de diaconia

Um dos cursos de Diaconia é em Evangelismo. Para pessoas de ambos os sexos que tenham concluído o primeiro grau ou atuam na área de evangelização.

De acordo com o Catálogo Acadêmico da EST, “o curso... tem como finalidade preparar pessoas para uma evangelização mais efetiva nas congregações e pontos de missão. Para tal estuda sua teologia e prática”.⁵⁰

Algumas matérias devem ser estudadas de forma intensiva com docentes da EST, na própria escola ou fora onde haja um número maior de alunos. Mas a maioria das matérias podem ser ministradas por pastores da região com a orientação e supervisão da escola.

O Catálogo descreve:

As disciplinas de curso em Evangelismo são oferecidas pelo sistema de créditos. Até a conclusão do curso, o aluno deverá completar 16 créditos na área de Bíblia e Doutrina, 6 créditos na área de História, 16 créditos na área de Teoria e Prática do evangelismo, 4 créditos em Leitura Programada e 6 créditos em Atividades Práticas. Este curso compreende ao todo 48 créditos.⁵¹

Quanto à duração, “o curso deverá ser completado, no mínimo, em três anos e, no máximo, em seis”.⁵²

Pelo que observamos no Catálogo Acadêmico, este curso possui um currículo muito bom e bem montado, com conteúdo de alto nível, equipando os alunos para serem bons evangelistas tanto nas igrejas locais como em missões.

2. Curso de teologia

Outro curso aberto a pessoas do sexo feminino é o Bacharelado em Teologia em Educação Cristã. Este “visa formar professores de Educação Cristã a nível de terceiro grau, que estejam habilitados a dirigir e executar o programa de educação cristã tanto das igrejas locais como das escolas de primeiro e segundo graus”.⁵³ É oferecido na EST de São Paulo na modalidade residencial e por extensão, e na ULBRA (Universidade Luterana do Brasil) em Canoas, RS.

⁵⁰ CATÁLOGO ACADÊMICO do Instituto Concórdia de São Paulo. 1993-1994, p. 25;

⁵¹ Ibid., p. 26;

⁵² Ibid., p. 26;

⁵³ Ibid., p. 29;

O currículo do Bacharelado em Teologia em Educação Cristã da EST consta de 193 créditos. Sendo 69 créditos no departamento de Teologia Exegética, 31 créditos no departamento de Teologia Sistemática; 22 créditos no departamento de Teologia Histórica; 33 créditos no Departamento de Teologia Prática; 11 créditos de disciplinas optativas; o estágio supervisionado de um ano considerado como 18 créditos e 3 créditos de leitura programada.

Não dispomos para este trabalho do currículo do Bacharelado em Teologia em Educação Cristã na ULBRA, mas deve ser igual ou parecido com o da EST.

Sem dúvida este também é um curso de alto nível dando boa formação aos alunos.

No entanto, a IELB deveria permitir que este curso formasse também “missionárias”. Usando o mesmo currículo e tendo o cuidado de no pré-estágio, realizado durante o curso, e no estágio, de um ano, haja envolvimento das alunas em atividades evangelísticas ou missionárias, ótimas missionárias poderão ser formadas.

Sendo o mesmo currículo para formação de professores (as) em educação cristã e de missionárias, na época de ir para o estágio a aluna poderá escolher se deseja ser professora em educação cristã ou missionária. E então, cada terminalidade deverá ter o tipo de estágio mais apropriado para a formação desejada.

VI. Propostas à IELB

Após este estudo, com o objetivo de servir à Igreja Cristã e à uma parte desta especificamente que é a IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil), humildemente apresentamos algumas propostas práticas.

Antes porém, tornamos a enfatizar que o papel da mulher na Igreja é importantíssimo. Já em 1987, dois terços da força missionária mundial eram formados de mulheres. No 1º Congresso Missionário Íbero-Americano realizado em 1987 em São Paulo, foi afirmado:

Apesar dos problemas, barreiras e obstáculos, muitas mulheres estão se realizando no cumprimento missionário. Elas têm feito contribuições significativas ao evangelismo,

estabelecimento de igrejas, liderança da igreja, desenvolvimento e ação social. Elas são médicas, enfermeiras, educadoras, tradutoras da Bíblia, jornalistas, musicistas, conselheiras, administradoras, assistentes sociais, secretárias e até aviadoras.⁵⁴

O Dr. Nestor Beck acertadamente afirmou:

O Senhor concedeu à Igreja não só pastores e mestres, mas também apóstolos, profetas e evangelistas, bem como diáconos, presbíteros e supervisores. As escolas oficiais, portanto, formarão diversos (tipos de) ministros, para serem praticadas todas as funções da Igreja. Por razões históricas e circunstanciais, as escolas oficiais da IELB se restringiram, por algum tempo, a formar pastores somente. As escolas precisam persistir no esforço de formar professores primários, diáconos e diaconisas, evangelistas, missionários, capelães.⁵⁵

Ressaltamos:

- “As escolas, portanto, formarão diversos (tipos de) ministros, para serem praticadas todas as funções da Igreja”.
- e “precisam persistir no esforço de formar... diáconos e diaconisas, evangelistas, missionários” – e nós acrescentamos – e missionárias.

Diante do exposto, propomos:

1. Que haja na IELB entre os Ministros Auxiliares⁵⁶ também evangelistas (homens e mulheres) e missionárias;

⁵⁴ MCKINNEY, Lois. In: Revista Ultimado. fev./1988, p. 8;

⁵⁵ BECK, Nestor. A formação de obreiros para a missão. In: Igreja, Sociedade e Educação – estudos em torno de Lutero: Porto Alegre, p. 117;

⁵⁶ O Regimento da IELB, edição 1996, no Art. 96, fala de Ministros Auxiliares e os define: "Ministro Auxiliar é aquele formado pela IELB através de seus Educandários Oficiais, para servir como auxiliar dos pastores, em harmonia e sob a sua supervisão." No Art. 97, descreve quem são eles: "São considerados Ministros Auxiliares: diáconos em Educação Cristã, em Evangelização, em Serviço Social e em Música."

2. Que sejam designadas de ‘evangelistas’ pessoas da denominação que fizerem o curso de Diaconia em Evangelismo oferecido pela Escola Superior de Teologia de São Paulo;
3. Que sejam designadas de ‘missionárias’ moças e mulheres da denominação que cursarem o Bacharelado em Teologia em Educação Cristã da Escola Superior de Teologia ou da Universidade Luterana do Brasil, desde que realizem no pré-estágio e no estágio atividades evangelísticas e/ou missionárias;
4. Que evangelistas e missionárias possam realizar todas as atividades que fazem parte do sacerdócio universal dos crentes, sendo vedado a elas/eles a administração dos sacramentos (batismo e santa ceia);
5. Que evangelistas e missionárias tenham as mesmas atribuições, sendo que às missionárias, por fazerem um curso teológico mais profundo e mais extenso, possam ser dadas tarefas mais difíceis e/ou de maior responsabilidade;
6. Que as missionárias possam fazer e/ou coordenar trabalhos missionários nas igrejas locais, em pontos de missão e em frentes avançadas de missão no Brasil ou no exterior;
7. Que continuemos a incentivar rapazes e moças, homens e mulheres a fazerem os cursos oferecidos pelas escolas oficiais;
8. Que, sendo aprovado pela IELB através dos canais competentes a formação de missionárias, que **divulguemos**, **incentivemos** e **desafiemos** moças e mulheres da denominação a se prepararem para trabalhar como missionárias;
9. Que a Diretoria nacional da IELB e os Seminários tratem dos detalhes para a execução deste projeto;

10. Que a Diretoria nacional da IELB e especialmente a área de Missão providencie a colocação destas no trabalho missionário.

CONCLUSÃO

O estudo deste assunto deu-nos a oportunidade de conhecer um pouco sobre a importantíssima participação da mulher no trabalho da Igreja, principalmente no trabalho missionário. Quer através de organizações missionárias ou diretamente, inúmeras mulheres cristãs têm ajudado na obra missionária.

É preciso incentivar e desafiar mulheres solteiras e casadas a se prepararem bem para atuarem como missionárias no Brasil e exterior.

BIBLIOGRAFIA

- BAEPLER, Walter A. A Century of Grace: A History of the Missouri Synod 1847-1947. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1947.
- BECK, Nestor. Igreja, Sociedade e Educação – estudos em torno de Lutero. Porto Alegre: Concórdia, 1988.
- LUTHERAN CYCLOPEDIA. Erwin L. Lueker, ed. Saint Louis: Concordia Publishing House, 1975.
- MEYER, Carl S, ed. Moving Frontiers: Readings in The Lutheran Church – Missouri Synod. Saint Louis: Concordia Publishing House, c. 1964.
- PARECERES DA COMISSÃO DE TEOLOGIA E RELAÇÕES ECLESIAIS: Porto Alegre, vol I, 1995.
- ESTATUTOS E REGIMENTO DA IELB. Porto Alegre: Concórdia, 1996.
- REVISTA ULTIMATO. Viçosa, fev./1988.
- REVISTA VOX CONCORDIANA – SUPLEMENTO TEOLÓGICO. São Paulo, Instituto Concórdia de São Paulo: Instituto Concórdia de São Paulo, ano 5, nº 1, 1989.
- TUCKER, Ruth A. “...até aos confins da terra. ” Neyd Siqueira, trad. São Paulo: Vida Nova, 1986.